

Autenticidade cultural do Movimento Sound System de Reggae, em São Paulo.

Palavras-Chave: Sound System, Sistema de Som, Reggae, Movimento cultural.

Autor:

Gustavo Albuquerque Lima [IFCH-UNICAMP]

Prof.^a Dr.^a Luciana Ferreira Tatagiba (orientadora) [IFCH-UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Nos últimos 10 anos em São Paulo, o movimento *Sound System*¹ de Reggae tem sofrido grande expansão, com o surgimento de diversos coletivos com seus respectivos paredões sonoros, espalhando suas ideias e mensagens pela capital paulistana, e fazendo-a se tornar o maior centro de coletivos de *Sound System* do Brasil (PIMENTA, NASCIMENTO, 2019). Essa diversidade de picapes sonoras, atrai dentro da grande massa regueira públicos diversos dentre os gêneros musicais, e curiosos pela manifestação e produção sonora.

O *Sound System* provindo das periferias jamaicanas foi e é responsável pela propagação do reggae na Jamaica. E mesmo o reggae hoje sendo conhecido mundialmente e popularizado, a atuação do movimento segue forte nos guetos por onde passa. As grandes radiolas, vieram com o propósito de trazer de forma mais acessível e democrática, vozes,

mensagens, informações, ideias e posicionamentos que os discos de vinil e cantores locais traziam para as populações periféricas, já que os discos e as vitrolas eram de alto valor e nem todos conseguiam ter acesso a esses aparatos dentro de casa.

A atuação do movimento no Brasil tem início a partir de 1970 na ilha de São Luís do Maranhão pelo “processo transatlânticos” (GILROY, 2012), que segundo o dito popular, ocorreu por meio das frequências de rádios dos navios e cruzeiros que atracavam na costa da ilha e também pelo mercado costeiro que recebia e vendia “a preços baixos e, muitas das vezes, de maneira informal, contrabandeada, obras musicais caribenhas e europeias” (OLIVEIRA, 2008, p.4).

Além disso, havia o movimento de donos de lojas de discos que traziam materiais musicais do caribe, direto para o nordeste, mas o movimento da discoteca fomentado nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1970 a início dos anos

¹ Sistema de som

2000, influenciou a circulação do mercado de discos, por todo o Brasil. Não demorou muito para que as grandes radiolas chegassem aos grandes centros. Tendo a influência e popularização de Bob Marley, o qual juntamente com os *The Wailers*, colocou o reggae para o mundo escutar e, como dito acima, em conjunto do movimento discoteca promoveu uma circulação de discos, mas não só, ritmos e informações, indústrias musicais, entorno do Atlântico promoveram caminhos que se cruzavam e um desses caminhos levou ao surgimento do primeiro sistema de som aos moldes jamaicanos em São Paulo.



Figura 1 – DubVersão Sistema de Som fonte: <https://mapasoundsystembrasil.com.br/mapa-sound-system-brasil-dubversao-sistema-de-som-spsp/>

No ano de 2001, surge o DubVersão, o primeiro coletivo de *Sound System* na cidade de São Paulo, sendo este, quem deu início para que posteriormente uma série de coletivos surgissem. Esses, cada um com seus princípios dentro da cultura, sendo alguns mais políticos, mais religiosos, para prazeres e lazeres da juventude, porém todos com a intenção de conscientizar seu público de forma democrática, acessível e consciente.

“À medida que a cultura de massa vai adquirindo novas bases tecnológicas e revelado maiores proporções à medida que expressões originais, populares ou locais da cultura negra tem sido identificado como autênticas e avaliadas positivamente por este motivo, enquanto manifestações subsequentes hemisféricas ou globais das mesmas formas culturais têm sido desconsideradas como inautênticas e, por isto, carentes de valor cultural ou estético, precisamente por causa de sua distância de um ponto de origem prontamente identificável”. (GILROY, 2012, p.199).

Dito isso, o presente projeto de iniciação científica visa observar, a partir do processo transatlântico sofrido pelo movimento da Jamaica até sua chegada na região metropolitana de São Paulo, a diversidade de coletivos que visa propagar a cultura desse movimento em terras nacionais e sua autenticidade político-cultural. A fim de notar se há um distanciamento de um ponto de origem cultural desses coletivos com o movimento oriundo da ilha jamaicana e que se adaptou em terras nacionais. E que servirá para a construção de um objeto de pesquisa que trabalha a ciência política e a sociologia.

METODOLOGIA:

Como metodologia, foi realizado leitura de bibliografias, as quais fomentam e remetem a história e cultura do movimento *Sound System*, suas influências político-culturais na sociedade jamaicana e no Brasil. Livros como: *Eterno Verão do Reggae*; *Da terra*

das primaveras à Ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural; Magia do Reggae e o Mapa *Sound System* Brasil. Além dessas leituras, foi realizado uma revisão bibliográfica de matérias que tratassem do movimento diaspórico entorno do atlântico, como o Livro *Atlântico Negro*, por onde também e principalmente a cultura do sistema de som circulou. Com isso, foi feita a busca de materiais bibliográficos que auxiliaram em definir o movimento S.S.², como um movimento cultural.

Até o momento em que se escreve este resumo, será realizada entrevistas semiestruturadas com os membros do coletivo U-DUB420, responsável pelo projeto AmpliFya que tem como objetivo fomentar o ensino da cultura do *Sound System*. Por fim, foi feita a análise de 10 eventos/ bailes/ sessões organizadas por coletivos diferentes, que serviram para compreender e analisar a organização e atuação do movimento na cidade de São Paulo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O Sound System é nada mais nada menos do que um sistema de som, com grande potência em seus alto falantes, que tem como objetivo proporcionar lazer às populações periféricas e disseminar a música, de forma democrática no espaço, em que se estabelece -

é uma forma de levar música para as pessoas segundo o cantor Monkey Jhayam³. Assim, os S.S. foram responsáveis por popularizar o reggae na Jamaica e no Brasil.

O surgimento dos *Sound Systems*, se deu em meados dos anos 40 na Jamaica, entretanto, foi a partir da década de 60 que esses sistemas se tornaram populares. A princípio, o que essas grandes picapes sonoras espalharam por onde passaram, foram ritmos musicais como: O *Rhythm and blues* (R&B); O *Ska* que era uma evolução do mento⁴ jamaicano misturado com o R&B, muito assemelhado ao jazz e; O *Rock-Steady*, que possibilitou o relato de muitos garotos das periferias de Kingston; O *Reggae*, o qual se encontra toda a expressão social, cultural e política da Jamaica; Posteriormente, pelas mãos do engenheiro de som King Tubby, nasceria o *Dub*, que seria um prolongamento do tempo de uma música, somente a base instrumental sem a voz.; E por fim, essa mixagem do Dub ascenderia a chama de dois atores fundamentais na cena o *Deejay* e o *Toaster*, que são animadores e cantores, respectivamente, os quais tem a função de comunicar e/ou passar uma mensagem para o público. Isso gerou mais um gênero musical, o *Dancehall*, este que acenava para a música jamaicana com várias possibilidades. Principal delas: democracia. Seria possível a qualquer

² Sound System.

³ Documentário: Grave Na Caixa! O Sound System de Kingston a SP. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=-7cZHHGw0Rk&t=67s> Acessado 27/07/2022.

⁴ Estilo de música tradicional jamaicana.

um o acesso ao microfone (ALBUQUERQUE, 1997).

Com isso, observo o movimento em São Paulo e para isso estive presente em algumas sessões que ocorreram desde dezembro até o momento da escrita deste texto, os quais foram fundamentais para rever o porquê *Sound System* não é apenas uma festa. Presenciei a sessão do coletivo GHETTO RADIOATIVO na favela da Brahma na zona oeste, que tinha caráter beneficente para a comunidade, eles pediam doações de roupa e alimentos não perecíveis, além disso vendiam bebidas e parte do dinheiro adquirido iria para um dos colaboradores, o qual teve alguns móveis danificados após sua geladeira ter explodido; Fui no evento de comemoração de 6 anos do coletivo Treme Terra S.S. ocorrido na quadra dentro da comunidade Da Zaki Narchi, zona norte. Pude estar presente numa das sessões mais “pesadas” que foi a 21ª Edição do Terremoto, evento organizado pelo África Mãe do Leão e *Zion Gate*, sendo esses um dos mais potentes sistemas de som de São Paulo. Retornei ao Centro e pude conhecer o coletivo *Jah Queens* que fazia uma sessão na Rua Dom José de Barros, coletivo esse formado por mulheres, e que em suas mensagens traziam posicionamentos políticos contra o governo atual e representação feminina. No Vale do Anhangabaú fui a um evento que prometia entregar 12 horas de reggae, que contou com a amplificação dos coletivos: *Easy Hit* Sistema de Som, *Dog Fish* Sistema de Som e *Skylight* S.S. No caminho

desse evento presenciei uma sessão do 22 *Sound System* também na rua Dom José de Barros, que tem se tornado *point* de sessões de sistema de som.

Além desses eventos, e por meio do grupo *Sound System* São Paulo no *Facebook*, conheci o Projeto Ampli-Fyah do Coletivo U-DUB420, o qual foi fundamental para que se fizesse um mergulho na cultura, no que tange o entendimento sobre a organização de um coletivo de sistema som, desde seu conhecimento teórico sobre o movimento até compreensão prática da construção de um sistema de som.

O projeto Amplifyah está sendo realizado em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Centro Cultural Olido e Programa Vai. Esse projeto existe desde de 2013, e vem sendo um evento cultural gratuito que visa propagar a cultura *Sound System* na cidade de São Paulo, por meio de ocupações em pontos culturais, ruas e praças. Em 2022, o projeto Ampli-Fyah Lab traz aos amantes da cultura do grave, *lives*, oficinas presenciais, rodas de conversas, bate papos e eventos. Tendo como objetivo: Promover o intercâmbio entre artistas e público das diferentes regiões de São Paulo, através de 22 eventos de e com atividade *Sound System*, sendo eles 10 oficinas, 2 debates, 4 bate papos e 6 *lives* artísticas.

De todos os coletivos pensados a escolha pelo U-Dub 420, o qual foi fundado em 2011, e pertence a terceira geração de S.S. de

SP e é o primeiro *Sound System* do Brasil a assumir o formato 100% digital, levando assim ao público atualidades do mundo focando nas vertentes que envolvem o reggae e a cultura do grave. Fazendo uso de tecnologias avançadas, diferente dos tradicionais *sounds* brasileiros que produzem suas músicas em vinil, a U-Dub vem fazendo suas seleções de reggae digital, com produções musicais próprias que dão ênfase há novas texturas sonoras que o reggae atual vem adquirindo nos últimos anos.

Além disto, ao participar das oficinas realizadas pelo grupo, é notado que sua referências partem do gênero musical o Dubstep, que tem origem britânica. Diferente da maioria dos coletivos de São Paulo que buscam referências diretamente jamaicanas. Com isso aprendo com o coletivo que as oficinas tem o intuito de informar e instruir, aqueles que se envolvem com a cultura e tem a intenção de propagá-la, seja na montagem de um sistema, seja na comunicação com o público, na forma de um *deejay* ou *toaster*, seja na produção musical ou na produção cultural na busca por recursos com ou sem parceria estatal.

CONCLUSÕES:

Desta forma, como nota André Botelho:

“Se movimentos sociais, especialmente os assim chamados “novos movimentos sociais” em decorrência do reconhecimento da importância do papel da “identidade” na mobilização coletiva, são também, simultaneamente, fenômenos discursivos e políticos(...). Localizados na fronteira entre as referências da vida pessoal e a política, ligam-se a um conjunto de redefinições na formação

da identidade dos indivíduos(...), nas formas de comunicação e na própria definição da cultura. Assim, como ocorre com os movimentos sociais em geral(...), a mudança que se objetiva operar na sociedade, igualmente, uma transformação nos próprios atores sociais que dele participam. (BOTELHO,2020, p.191)

Tenho compreendido que tal movimento tem atuado desde sua origem com a intenção de mudança, informar, através de suas grandes e chamativas caixas de som, as quais amplificam mensagens de protesto, amor, conscientização, a qual pode ser apreendida em cima de ondas sonoras rítmicas, a música essa que invade as periferias e o centro de São Paulo de forma subversiva.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Carlos. O eterno verão do Reggae / Carlos Albuquerque. São Paulo: Ed. 34, 1997

BOTELHO, André. O Modernismo como movimento cultural: uma sociologia política da Cultura. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 175-209, 2021.

GILROY, Paul 1956 - O Atlântico negro: modernidade de dupla consciência; Tradução de Cid Knel Moreira. - São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012(2a Edição).

OLIVEIRA, Paulo. - Da repressão ao movimento de massa. UFPE. V.13 Junho de 2008.

PIMENTA, D. NASCIMENTO, N, MAPA SOUND SYSTEM BRASIL 2019.